



FEVEREIRO

2023



Nova Atena
Sabere e Bem-Estar



Vamos Trazer a
Palavra Escrita
aos Nossos Dias!



Vamos Trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

FEVEREIRO

2023



Nova Atena
Saber e Bem-Estar

ÍNDICE

AUTOR	TÍTULO	PÁGINA
Faustino Vital	Proximidades	2
Faustino Vital	A vida ao contrário	3
Francisco Lourenço	Venham ver, venham ver, o que está a acontecer!	4
Graça Cêncio	Ternura	5
Graça Cêncio	Políticas tortas	6
Jerónimo Pamplona	Conto neurasténico	7
Jerónimo Pamplona	Para isso fomos feitos: para lembrar e sermos lembrados	8
Jerónimo Pamplona	No cais da Saudade, morre um sonho mais	9
Jorge Proença	Calcorreio o mar	10
Jorge Proença	Quero esquecer o que esqueci	11
Luísa Machado Rodrigues	O nevão	12
Maria de Lourdes Santos	Celebrando a memória, a dignidade, a coragem	13
Maria de Lourdes Santos	Recordando homenageando	14
Maria Regina Ferreira	As pedras falam	15
Maria Regina Ferreira	Dar tempo ao tempo	16
Maria Silveira	O sismo	17
Mitú Branco	Ondas	18
Mitú Banco	Caí num poço	19
Pilar Encarnação	O amigo fiel	20
Pilar Encarnação	A vida é um desafio	21



nome

Faustino Vital

género

POESIA PROSA

título

Proximidades

Proximidades

Quem disse que o laço está longe do fio ?
Quem disse que a meia está longe do sapato ?
Quem disse que o agasalho está longe do frio ?
Quem disse que o braço está longe do abraço ?

Quem disse que a lua é branca e fria ?
Quem disse que o sol é brilhante e quente?
Quem disse que o gato ronrona e mia ?
Quem disse somos muitos, um mar de gente ?

As laranjas são primas das tangerinas
As peras são chegadas às maçãs
Os limões ainda são parentes das limas
E muitas outras frutas também são irmãs

Uma perna está perto da outra perna
O cachecol está perto do pescoço
A saúde cada vez mais nos engana
E toda a dor está mais perto do osso

Estamos próximos, e não só
Muito mais do que pensamos
A distância não existe entre nós
Em todos os que sempre amamos



Vamos trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

nome

Faustino Vital

género

POESIA PROSA

título

A vida ao contrário

A vida ao contrário - dos 90 aos - 9 anos -

Nos vários estádios ao longo da nossa vida, vamos sofrendo altos e baixos, verdades e incertezas, alegrias e tristezas, infortúnios e dissabores, realizações e decepções, perdas e conquistas, tudo se devendo à nossa acção ou desinteresse, ou ainda à sorte a que muitos chamam de destino.

No entanto aquilo que realmente não conseguimos mudar é a alteração do nosso relógio biológico, inexorável à nossa vontade, sem paragens nem apeadeiros que nos retardem o inevitável: o progressivo envelhecimento do nosso corpo e intelecto. Ao enfrentarmos essa verdade temos as várias etapas bem definidas, para alguns, felizmente não para todos.

Os 90's - O momento da decadência. Precisamos de alguém que cuide de nós, que nos entenda, que seja paciente, que esteja presente.

Os 80's - O momento da maturidade. O valor da família. O que poderíamos ter feito e não fizemos. Exame de consciência, reflexão e inquietação.

Os 70's - O envelhecimento sereno. Tudo o que esperamos a seguir queremos e damos por certo que seja bom e calmo. A apreciação da vida e dos dias por si próprio, reaprendendo a gozar todos os momentos, mesmo os mais simples e menos interessantes.

Os 60's - O expoente pleno da aprendizagem do que a vida nos proporcionou e a satisfação de termos alcançado os nossos objectivos predefinidos.

Os 50's - O momento importante das realizações, a concretização dos projectos que antes eram só esquemas diluídos que nos preenchiam a vida.

Os 40's - O momento dos sonhos, a viragem no conceito de vida. A vontade da afirmação.

Os 30's - O momento das aspirações. A grandeza das ideias e sua concretização.

Os 20's - O momento de gozar a juventude em pleno. A roda das amizades, os namoros, o amor sem barreiras e os dias sempre felizes.

Os 9's - O momento do descuidado, do deslumbramento, e o acreditar sem inibições ou restrições.

Os - 9's - Mamã, mamã, vou lá para fora brincar com os amigos !



nome

Francisco Lourenço

género

POESIA PROSA

título

Venham, venham ver o que está a acontecer!

Venham ver, venham ver o que está a acontecer!

Venham ver, venham ver o que está a acontecer!
O clima está mudado, a natureza a morrer!
Os animais a fugir, a floresta a arder!
Não têm para onde ir, que mais irá acontecer!

Olhem aqui no Polo Norte, muito gelo a derreter!
Se não se mudar de rumo, muitas cheias vão haver!
A Natureza está zangada, e a Terra irá tremer!
Um Planeta poluído, muitos vírus a nascer
Vacinar, não vacinar, tantas dúvidas a crescer!
Tantas questões no ar, que mais irá acontecer!

As pessoas a fugir, da sua terra natal
O que estamos a ver, é a vitória do mal!
Um Planeta dividido, muitas pessoas a sofrer
Ricos de barriga cheia, muitos, tantos, sem comer!

Temos de mudar de rumo, para o bem poder vencer!
Os ditadores deste mundo, estão todos a tremer!
Eles sabem muito bem, que um dia vão perder!

A invasão da Ucrânia, por Putin ordenada
E a resistência de um Povo, contra a vitória anunciada
Os Aliados em conversa, muita decisão atrasada!

Venham ver, venham ver, muito tem que se fazer....
Unir as Democracias, para o Bem poder vencer
Um raio de luz brilhante, no horizonte a nascer!
A Paz no mundo a chegar, a Natureza a renascer!



nome

Graça Cêncio

gênero

POESIA PROSA

título

Ternura

Ternura

- Mãe, onde está o pai? Já procurei, mas não sei onde está. Hoje é sábado. O pai não veio?
- Minha querida menina, o pai chegou ontem, mas já estavas a dormir e não acordaste com todos os beijinhos que ele te deu. Hoje, antes de sair, voltou ao teu quarto, mas não teve coragem para te acordar.
- Eu queria acordar para lhe dar muitos abraços. Tenho muitas saudades e só tenho hoje e amanhã. Ele vai embora outra vez amanhã?
- Pois vai. Tu sabes que o trabalho do pai não é aqui. Mas também sabes que ele vem todos os fins de semana para estar connosco.
- Eu sei, mas eu queria vê-lo todos os dias. As minhas amigas têm pai todos os dias.
- O teu pai também está contigo todos os dias.
- Não está, não.
- Está na tua cabecinha e no teu coração, não está? Todos os dias pensas nele. Mesmo longe, todos os dias, antes de dormir, sopramos um beijinho que voa para ele. E ele responde com outro beijinho que até faz comichão na tua bochecha, não é? Tu costumavas sentir e ficas muito feliz. Até adormeces logo.
- Eu sei. O pai diz que todos os dias recebe o meu beijinho de boa noite e que depois sonha comigo. Nesse momento abriu-se a porta e o pai entrou. Ao ver a sua menina, abriu os braços para a aconchegar junto ao peito.
- Pai! Paizinho! Eu tinha muitas saudades.
- Também eu, minha princesa. Agora já estou aqui. Vamos aproveitar bem estes dias e quando eu for embora quero que não te esqueças que, mesmo longe, estou sempre contigo no meu pensamento e que estou sempre ansioso por voltar para ti.



Vamos Trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

nome

Graça Cêncio

género

POESIA PROSA

título

Políticas Tortas

Políticas tortas

Em criança brincava aos médicos
Em adolescente queria ser pediatra
Já mulher decidira ser neuropediatra
Mas o sistema fechou-lhe as portas.
Raios partam as políticas tortas!
Não se deixou vencer
E escolheu outra carreira
Na área da neurologia
Sabia que lá chegaria.
Começou o doutoramento
Que corria lindamente
Mas o sistema trocou-lhe as voltas
E mandou-a para outras rotas.
Raios partam as políticas tortas!
Não se deixou vencer
E entregou-se a outras pesquisas.
Depois de tanta luta travar
O sistema mandou-a emigrar
E foi bater a outras portas.
Raios partam as políticas tortas!



VAMOS TRAZER A PALAVRA ESCRITA AOS NOSSOS DIAS!

nome

Jerónimo Pamplona

género

POESIA PROSA

título

Conto neurasténico

Conto neurasténico

De Mário – Henrique Leiria

(Os meus comentários)

No primeiro parágrafo o autor fala no nome, essa coisa que ele não tinha porque era apenas igual a milhões de outros. Aquilo que sempre me fascinou foi nunca me ter cruzado com alguém parecido comigo ou visto pessoas iguais, salvo os gémeos univitelinos. E, mesmo os dois camaradas que tive com estas características no Colégio que frequentei, eram psicologicamente diferentes. Enquanto um era um ginasta exímio e fazia parte da classe especial formada por 22 num total de 400 alunos, o outro participava unicamente nas aulas obrigatórias, de educação física, onde obtinha apenas, a classificação de dez valores.

O autor diz-nos que a partir de determinada altura deixou de falar, passando a ter como companhia a sombra. *«Estava sempre calada e não ria. Era só dele, a única coisa que ele tinha. Andou sempre a andar e viu coisas que os outros tinham e que não podiam ser dele. Viu a cobiça, a brutalidade, o amor, o risco, a felicidade, a inveja, a dor».*

Aqui, parece-me haver um certo exagero no que concerne à dor porque ela não se vê, sente-se! Também, quando refere o amor, ele sentiu-o e praticou-o porque devido a doença regressou do exílio no Brasil, para vir morrer a casa da mãe, em 1980, tinha cinquenta e sete anos.

«Um dia tudo mudou. Havia neve, já não tinha sombra. Da massa do seu corpo elevou-se então alguma coisa que já não era ele. Era o seu desejo enfim satisfeito, que voltava para donde tinha vindo. Na face indefinida desse desejo lia-se uma paz suprema e uma satisfação gloriosa. Tinha enfim encontrado uma coisa só sua que ninguém lhe podia tirar: o Descanso eterno».

Conclusão: Tudo isto pode ser verdade ou sonho, à boa maneira surrealista. Mas, que é bonito e comovente, lá isso é!



Vamos Trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

nome

Jerónimo Pamplona

género

POESIA PROSA

título

Para isso fomos feitos, para
lembrar e sermos lembrados

Para isso fomos feitos:

Para lembrar e sermos lembrados

Epigrafe: «Sim. Seremos esquecidos.

É assim a vida, nada a fazer».

Anton Tchekhov (1860 Rússia – 1904 Alemanha)

Médico e Escritor

Do que eu gosto é de lembrar:

Os Natais à lareira.

Aqueles das brincadeiras.

E da alegria das crianças

Que exultavam com aquelas andanças.

A emoção da abertura das prendas.

As filhoses e a aletria, estupendas.

O degustar as doces rabanadas

que eram, por todos, muito apreciadas.

As acolhedoras noites da consoada.

O esperar pelas últimas badaladas.

As jogadas do “par ou pernã”,

nos momentos divertidos daquele serão.

Que era lindo, lá isso era.

O Natal com a tal espera.

Da descida pela chaminé.

E, os miúdos a espreitar, “pé ante pé”



Vamos Trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

nome

Jerónimo Pamplona

género

POESIA PROSA

título

No caís da saudade, morre um sonho mais

“No caís da saudade, morre um sonho mais”

O que são os sonhos? Há duas espécies diferentes:

Os sonhos “*Fantasia*” que ocorrem durante o sono, e têm lugar durante a fase REM que ocupa 2 horas por noite, são fundamentais para a manutenção das funções cognitivas, e harmonização da psique humana.

Têm início na quarta fase do sono e morrem no fim da noite.

Existem também os sonhos *Aspiração*

que podem dar origem um projeto de vida.

Concretizado com sucesso temos “*boas memórias*”.

Estas, são guardadas numa *Arca* de cânfora, oriental, trabalhada à mão, Com bonitas ferragens douradas.

No caís das minhas saudades não morrem meus sonhos.

- Ou estão muito bem guardados – Boas memórias!
- Ou foram deitados p’ra trás das costas – Más memórias!

O passado é assunto arrumado. Fiz o registo e exigi o certificado.



Vamos Trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

nome

Jorge Proença

género

POESIA PROSA

título

Calcorreio o mar

Calcorreio o mar

Calcorreio o mar

Ao arrepio dos montes escorregadios

Que acedem aos abismos transcendentos

Fico à mercê das vagas

Que assolam os sonos mais doces

Com torrentes de lava fervente

Capaz de queimar as ideias inconsequentes

Que turvam as ideias claras

Do destino, do futuro, das orações suspensas

Meditadas no rigor do pranto

E no sumo das tormentas-

A calma parece agora surgir

No horizonte tranquilo,

Onde as neves perenes

Desertam brancos pensamentos de alvura

Repousando nos dias solarengos

De um Abril florido, com armas de esperança



Vamos Trazer a Palavra Escrita aos Nossos Días!

nome

Jorge Proença

género

POESIA PROSA

título

Quero esquecer o que esqueci

Quero esquecer o que esqueci

Quero esquecer de vez
Aquilo que já esqueci
Se a marca era pequena
Agora já deixou de existir

Quero esquecer de vez
As viagens que não fiz
Os mares onde não nadei
As neves que não percorri

Quero esquecer amanhã
Aquilo que já não lembro
Os textos que já escrevi
Os poemas que sumiram

Quero esquecer também
Os amigos que já tive
Aqueles que não disseram
Até logo... já nos vemos!

Quero esquecer ainda
As praias onde nadei
As neves que já andei
As tristezas que passei!

Quero lembrar para sempre
Os momentos que passamos
As viagens que empreendemos
O intangível e o belo que vivemos



nome

Luísa Machado Rodrigues

género

 POESIA PROSA

título

O Nevão

O Nevão

Chegou fevereiro, mas não sem os primeiros nevões do ano logo na segunda quinzena de janeiro, após uma primeira atormentada por chuvas violentas, desabamentos e inundações, o prémio climático associado ao urbanismo desenfreado e à desorganização do território onde linhas de água não são respeitadas.

No calor de casa, nestes litorais urbanos soalheiros, frios e secos destes dias, a curar uma crise respiratória, avistava da vidraça da ampla varanda da sala sobranceira ao Tejo a calma, as serenas águas espelhadas, refletindo o azul de um céu limpo, sem mácula de nuvem, avião ou drone – novos pássaros que dançam por aí – quando me senti recuar aos frios de outros tempos e à lembrança da primeira experiência sob um nevão.

Aconteceu num passeio em família nos feriados do início de dezembro. Pai, mãe e as duas filhas (os rapazes, na tropa...) a caminho da Serra da Estrela para ver a neve. O tempo no género do que estamos a viver. Dias radiosos após os então frequentes nevões que abriam a época invernosa ainda no outono. Cumprido o objetivo e vividas as delícias das belas paisagens e tropelias na alvura da natureza, um segundo objetivo era ir a Almeida, que encantou pela surpresa do seu muralhado (não havia net, uns mapas e ia-se!) seguida de ida a Espanha. Na época, sabia a ir ao estrangeiro! Português, em geral, apenas passava a policiadíssima fronteira, andava umas parcas dezenas de metros, fazia compras (em especial, os caramelos e bonecas) como no caso para a mana mais nova (eu já era jovem). Quanto à Mãe e mulheres em geral? Esperavam do lado de cá no Portugal salazarento de então (passaporte para elas só justificado e com autorização dos maridos!!!).

Na descida da Serra o tempo enevoara e, numa curva qpertada perto da Guarda, o carro patinou no gelo. Um pequeno susto e talvez um aviso, mas prosseguimos sob a entretanto suave chuva que só uns metros adiante percebemos que se transformava em ténues flocos de neve. Inesquecível sensação!!! Na planície, bom tempo até Espanha. À volta, tempo fortemente acinzentado. Inexperientes, com destino ao hotel na Guarda, continuámos a marcha, não percebendo que se anunciava nevão. Aconteceu no caminho, no meio do nada, ao lusco-fusco!!! Valeu surgir um carro em sentido contrário. Sentença: “Os senhores estão muito perto de Pínzio, é melhor lá ficarem, acompanho-os que isto vai ficar feio depressa!”. E, ficou ‘feio’... Lindo de neve!!!

Não havia vivalma. O guia improvisado lá bateu na janela duma conhecida. Alojamento nada. Disse a mulher: “só se pedir à vizinha a chave da velha casa vazia do médico...”. Aceite. Vidraças e portadas escaqueiradas, camas nuas... Por cima das ralas e inseguras tábuas, nós num quarto, pais noutro. Enroladas uma na outra e em tudo quanto era casaco gelámos ao sabor do frio via tanta fresta. Felizes!!! Que sorte um nevão a sério...



nome

Maria de Lourdes Santos

gênero

POESIA PROSA

título

Celebrando a memória, a dignidade, a coragem

Celebrando a memória, a dignidade, a coragem

24 de Fevereiro de 2023. Decorreu um ano de tortura indescritível. O que em 26 de Fevereiro e 04 de Março de 2022 eu mencionava e sentia como insuportável, hoje, o impensável horror continua, instalou-se no quotidiano daquele Povo, e deixa-me sem capacidade de o qualificar.

As localidades, reduzidas a escombros, abandonadas pelos seus habitantes amedrontados e sem condições mínimas de sobrevivência, apesar da tentativa de resistência de muitos, estão hoje irreconhecíveis, tudo barbaramente destruído.

Se algum dos que partiu voltasse à sua rua, na tentativa de localizar o sítio da porta de entrada da sua casa, não conseguiria certamente fazê-lo. Tudo dramaticamente descaracterizado, montes de destroços acumulados a manterem vivas as memórias do horror.

É o absoluto terror a ditar as regras do colapso

É o absoluto terror a ditar as regras da não vida.

E as mulheres que vi partir há um ano com filhos e familiares idosos, todos carregados com enormes sacos, onde estarão?

E os filhos crescidos, maridos e pais que ficaram, todos com a esperança no reencontro, onde estarão?

E será que voltaram a ter notícias uns dos outros após a separação?

E será que tiveram tempo e oportunidade de se despedirem antes de entrarem nas valas comuns?

E como estará a saúde física e mental dos sobreviventes nos locais de acolhimento longe das suas vidas? Apenas tendo por companhia a incerteza, o desconhecido, a mágoa, o vazio!

E os sorrisos puros de esperança com que iniciaram o martirizado percurso sem regresso, onde estarão?

Como me associo a tanto sofrimento!

Celebro e honro a sua memória, dignidade, coragem....

Na tentativa de suavizar e enriquecer esta celebração, decidi escrever acompanhada por música que intencionalmente dediquei ao momento especial em que particularmente recordo a tragédia. Concluo que a música, reforça o meu sentimento de profunda tristeza e nostalgia nesta sentida e profunda homenagem que dedico a este Povo digno, sofrido, exemplarmente corajoso.

Mais palavras para quê?

Apenas o desejo ardente que o filme de terror termine rapidamente.

Que a PAZ volte, que os sobreviventes tenham forças e consigam superar o drama gigantesco que dilacera as suas vidas.

Que os mortos descansem na PAZ ETERNA.



Vamos Trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

nome

Maria de Lourdes Santos

gênero

POESIA PROSA

título

Recordando homenageando

Recordando homenageando

Em 26 de fevereiro e 04 de Março de 2022, escrevia sobre o gigantesco drama que surpreendia o mundo: a Rússia invadia a Ucrânia de forma bárbara, desumana, impensável em pleno século XXI, que se supunha de evolução e respeito pela dignidade humana. Era então dia 24 de Fevereiro de 2022.

Decorrido 1 ano, o drama cresce diariamente e a destruição instalou-se. A resistência tem limites, quer para quem sofre na pele, quer para quem acompanha a tragédia humanitária. As palavras são insuficientes para descrever tanto sofrimento. Dentro do espaço limitado de que disponho, vou sintetizar o que escrevi em 2022:

“Tempos de turbulência e sofrimento. Privação do essencial na vida de multidões que ameaçadas pelo perigo da incerteza e lutando pela sua sobrevivência, começam a abandonar as suas casas onde deixam bens e sonhos vividos. Famílias abruptamente separadas. Partem as mulheres, mães, crianças; ficam os homens, maridos, filhos. Além dos filhos pequenos e familiares idosos, todos envolvidos num esforço incomensurável, têm de escolher o que levar consigo, confinado ao espaço possível de sacos que terão de transportar na incerteza dos caminhos. Tudo alterado, hábitos alimentares, a saúde comprometida, toma de medicamentos condicionada, nascimentos sem condições, descanso em vastas extensões onde a privacidade é inexistente, a higiene sujeita às circunstâncias... Como superar tantas alterações nas suas vidas? Instalado o monstruoso desequilíbrio, tudo é posto em causa! Momento pesadíssimo, choramos todos os dias no “filme” cuja tela é o mundo real onde o despotismo prossegue obstinadamente a sua agenda de morte e destruição, sem olhar as crianças perdidas em vagos olhares de sonhos interrompidos; sem olhar a ausência de forças dos idosos para enfrentarem o monstro que sem coração e sem respeito, destrói a parte final das suas vidas. Doi muito!! Tanto se conhece dos malefícios de guerras anteriores e suas devastadoras consequências! De que serve tanto conhecimento histórico se afinal o poder cego continua inimigo da vida e não olha a meios para atingir os fins?

Mas a corrente de solidariedade humana, de rejeição a tanta monstruosidade, demonstra que acredita na possibilidade de travar a loucura. Une-se, tenta impor a sua convicta determinação. É a luz a iluminar a escuridão. Tenhamos esperança e confiança”.

“Hoje, dia 4 de março de 2022, é imperativo voltar aqui. O que sentia como limite do suportável por aquele Povo, verifico que o drama cresce e a sua resistência continua a crescer estoicamente. A eles dedico as minhas lágrimas de compaixão e solidariedade. Estão no meu coração diariamente. Enalteço o exemplo de dignidade que estão a dar ao mundo; os seus corações estão feridos de morte, no entanto quando abordados pelos canais televisivos ainda arranjam forças para sorrisos fugazes iluminados pela esperança e confiança que os move. Comove-me tamanha dignidade apesar da tristeza e mágoa que os envolve. Fico perplexa. Como é possível tanta resistência! Com olhares luminosos que me impressionam, descrevem com tranquilidade as situações dramáticas que vivem e que só a FÉ poderá permitir! Povo digno, Povo corajoso! Homens de convicções, Mulheres exemplo (o Divino Feminino está na Terra), protegem os filhos, a família que com elas percorrem quilómetros de expectativa, cansaço, esforço sobre-humano e até onde? Além de tanto e tão doloroso, enfrentam ainda a adversidade do clima austero e suas consequências. Deixaram tudo para trás, consigo apenas o AMOR que os une e esse é a maior riqueza e bagagem que carregam com leveza no coração. O Mundo está com Eles. Será que precisávamos do sofrimento de tantos para despertarmos e agradecermos pelo enorme bem que temos em dormirmos numa cama confortável num quarto não partilhado por multidões? Será que precisávamos do sofrimento de tantos para valorizar a bênção de termos alimentos sobre a mesa? Muito lhes devemos pelos alertas que nos transmitem e nos levam a valorizar sempre que andamos distraídos e a considerarmos tudo como dados adquiridos. Será pouco todo o amor que lhes enviemos de coração. Obrigada, obrigada; ficarei eternamente GRATA e em dívida pela exemplar lição de vida deste Povo. E porque acredito que o seu maior anseio é a Paz, a raiva não tem lugar nos seus corações, nos seus doces olhares que me transmitem os seus melhores sentimentos. ABENÇOADOS SEJAM!”



nome

Mária Regina Ferreira

género

 POESIA PROSA

título

As pedras falam

As pedras falam?

Não falam com palavras. Mas são como livros abertos. Dão-se a leituras...

Antas megalíticas ou sepulturas cavadas em pedra dura falam de cerimónias fúnebres como forma de honrarem perpetuamente os seus contemporâneos. Também as alminhas que se encontram à entrada e à saída de aldeias que preservam a sua cultura cristã! Não falam. Mas quem conhece o seu significado, fala de saudade e deixa uma oração.

As rochas guardam segredos...

Um dia, estávamos em início de agosto, íamos para férias e queríamos confirmar um título de José Saramago *A Jangada de Pedra*. Íamos atravessar a Península Ibérica!

Ainda era noite quando partimos. Enfrentámos a aridez de descampados até encontrarmos a monumentalidade de Mérida feita de pedra morena. Nas ruínas do Teatro Romano dissemos poemas, os nossos filhos declamaram falas de uma peça de teatro da última festa escolar. As pedras guardaram a nossa voz emocionada e devolveram-na em ovação... ouviram-se palmas, muitas palmas. Em eco. Era como se as pedras dissessem *que prazer receber-vos*. Mais além, Talavera de La Reina testemunhava a presença de princesas portuguesas no tempo em que se combinavam casamentos de conveniência necessários ao alargamento de territórios e à consolidação dos reinos. Depois, as cúpulas da basílica de Santa Sofia deixavam adivinhar Saragoça e, mais além, a Sagrada Família feita de pedra branca, a atestar a magnífica arte de Gaudi, pedras trabalhadas em hino à Natureza. Estávamos na outra ponta da Jangada, em Barcelona. Subimos Montjuich, em tempos gueto de judeus. As suas pedras ainda hoje falam da infâmia de homens que segregaram outros homens, seus irmãos. Aqui ouvimos, em silêncio, os clamores de injustiças praticadas ao longo de séculos. Aqui, louvámos homens e mulheres que, por preservarem os seus costumes, sofreram os rigores da incompreensão e isolamento.

Depois, já a subir para Andorra, ao enfrentar gargantas apertadas de rochas escuras, alguém se lembrou de dizer *que ali também se deviam guardar grandes segredos*.

Era a primeira vez que entrávamos num espaço que outrora foi covil de ladrões...

As pedras falam?

Dão-se a leituras...



nome

Maria Regina Ferreira

gênero

POESIA PROSA

título

Dar tempo ao tempo

Dar tempo ao tempo

O caminho faz-se caminhando devagar

dando a mão ao tempo

Hoje subo as escadas devagar

sempre a sorrir

Já lá vai o tempo em que não havia tempo

para subir

ainda que a correr e a rir

Ontem o tempo corria à desfilada

não sobrava tempo para nada

nem havia tempo para dormir

Hoje subo as escadas sem divagar

e continuo sem tempo

para viver devagar

Hoje tenho sempre tempo

para ver o mar

Hoje vivo muito tempo a conciliar

Hoje transformo o tempo a saber amar

Hoje compro tempo para continuar a sonhar

Dar tempo ao tempo

caminhando devagar

transforma tudo em bom tempo



Vamos Trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

nome

Maria Silveira

género

POESIA PROSA

título

O sismo

O sismo

Como é possível haver quem continue
A iludir a realidade que é a força da natureza?
Cerca de minuto e meio apenas, um sismo,
A descomunal energia, a grande magnitude
O confronto entre placas tectónicas
O solo rasgado, a destruição semeada
O colapso do edificado, quase tudo engolido
O humano, o material, em escombros soterrados.
Milhares e milhares de vítimas sem vida
Milhares de sobreviventes com que vida?
Almas e corações despedaçados
Amputações de bradar aos céus.
De bens, famílias, amigos, despojados
Homens, mulheres, crianças, de luto
Luto de si mesmos, luto pelos seus
A Anatólia de luto, a História de luto
Património desaparecido
Marcos civilizacionais perdidos
Uma vez mais...

Uma vez mais, Homem, não te chegam
As catástrofes naturais... Até quando a tua egoísta
Senda perseguirás em nome da Esta terra é *minha*?!
Até quando a tua concomitante e hipócrita guerra
As tuas cobardes conquistas prosseguirão?



nome

Mítú Branco

género

POESIA PROSA

título

Ondas

Ondas

As ondas do teu cabelo
são como as ondas do mar
Mergulho a minha boca
sabe a sal e a luar
Os teus olhos inquietos
são a espuma do desejo
que se espraia no meu corpo
E as tuas mãos fugidias
qual maré em praia-mar



nome

Mitú

género

POESIA PROSA

título

Caí num poço

Caí num poço...

Caí num poço e voei
para a lua em estilhaços
Andei na praia e nadei
para esse mundo em pedaços
Corri na rua e saltei
meu amor para os teus braços



nome

Pilar Encarnação

género

 POESIA PROSA

título

O amigo Fiel

Vamos Trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

O amigo fiel

Era um lindo rafeiro alentejano. Branco com manchas castanhas, grande, forte, bem musculado e excelente cão de guarda. Vivia com o seu dono numa grande quinta no interior do Alentejo. A sua tarefa consistia apenas em vigiar para que não entrassem estranhos na propriedade e ele executava-a rigorosamente.

Amigo inseparável do seu dono, acompanhava-o sempre nas suas longas caminhadas matinais. Após o almoço, ambos faziam uma cesta. O dono na sua cadeira de baloiço e o cão a seus pés. O mesmo acontecia nas noites frias de Inverno quando ambos se aconchegavam junto à lareira. Aquele biscoitinho que o dono lhe dava todas as noites era a sua melhor recompensa e ele agradecia encostando o focinho nas suas pernas e olhando-o intensamente com um olhar meloso. Era um cão feliz.

Quando finalmente o dono ia para o seu quarto de dormir, o cão ia aninhar-se na sua grande casota e adormecia. O seu sono porém, era tão leve que ao menor ruído, aí estava ele de pé farejando o ar, atento ao menor movimento, não fosse alguma raposa visitar o galinheiro ou alguém estranho andar a rondar a propriedade.

Um dia aconteceu algo de irreparável. O seu dono adormeceu na cadeira e não voltou a acordar. Levaram-no para o quarto e depois para a sepultura. O cão nunca o abandonou. À força o trouxeram para casa. Deram-lhe os seus biscoitos preferidos, mas ele rejeitou-os. Só queria estar com o dono.

E passaram os dias mas a sua tristeza era cada vez maior. Recusava todo o alimento. Num dia de muita chuva, já fraco de tanto jejum, foi colocar-se no meio do pátio e aí se deixou ficar, até estar completamente encharcado. Adoeceu gravemente. Foi levado ao veterinário que sentenciou: “ Este cão está muito doente e não quer viver. Quer ir para junto do seu dono. Vamos fazer-lhe a vontade.”

E assim foi feito!



nome

Pilar Encarnação

género

 POESIA PROSA

título

A vida é um desafio

A vida é um desafio permanente

Passados oito dias sobre o grande sismo ocorrido no Sul da Turquia e Norte da Síria, cujo elevado número de vítimas ainda não foi possível calcular na sua totalidade, tive oportunidade de assistir em direto a mais um extraordinário salvamento. Um grupo de pessoas de capacete vermelho aguardava ansiosamente, enquanto outros se movimentavam ativamente junto de uma montanha de escombros. O tempo passava lentamente sem conseguir perceber o que realmente se passava, até que o grupo que aguardava começou a agitar-se, uma maca surgiu e foi colocada em posição horizontal, bem perto da abertura previamente feita, de onde finalmente surgiu um corpo com vida, rapidamente aconchegado com uma manta térmica, no meio de grande ovação de alegria e muitas palmas.

Não era caso para menos! Mais um pequeno milagre no meio de tanta tragédia.

Sabemos que a vida está cheia de desafios que vamos procurando vencer com maior ou menor dificuldade, coragem e resiliência, mas como é que alguém que de um momento para o outro perde tudo, família, casa, trabalho e se vê completamente só, de mãos vazias, pode ultrapassar uma tão grande catástrofe?

Não é possível imaginar a dimensão do seu sofrimento. Sinto uma enorme compaixão por aquelas mães ou aqueles pais que perderam os seus filhos ou por aquelas crianças que de um momento para o outro perderam toda a família e ficaram sós no mundo e interrogo-me. Que posso fazer? Como ajudar? E não encontro respostas. Só me resta ficar com eles no meu coração e amá-los!

É tempo de chorar tudo o que há para chorar, mas não podemos esquecer que a solidariedade, a aceitação e a esperança também fazem milagres!



FEVEREIRO

2023



Nova Atena
Saber e Bem-Estar



Vamos Trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

NOVA ATENA – UNIVERSIDADE SÉNIOR DE LINDA-A-VELHA
www.novaatena.pt

COORDENAÇÃO Midá Sá-Chaves
DESIGN GRÁFICO Carlos Lopes